

plástico bolha

poesia agora



O menos vendido

Custa muito
pra se fazer um poeta.
Palavra por palavra,
fonema por fonema.
Às vezes passa um século
e nenhum fica pronto.
Enquanto isso,
quem paga as contas,
vai ao supermercado,
compra sapato pras crianças?
Ler seu poema não custa nada.
Um poeta se faz com sacrifício.
É uma afronta à relação custo-benefício.

Ricardo Silvestrin

TEXTOS DE LUANA CARVALHO, FERNANDO ANDRADE, ALICE SOUTO, LÉO VINCEY, ROBERTA ATTILI, ANA CHIARA, OTÁVIO CAMPOS, PRISCILA MERIZZIO, MONIQUE NIX, FLAVIO CASTRO, JAMILE CAZUMBÁ, ROSÂNGELA MUNIZ, ONDJAKI, LOZ (CHIU YI CHIH E IRAEL LUZIANO), RENATO TORRES, RICARDO DOMENECK, MARIANA BOTELHO, ANDRÉ CAPILÉ, ALLAN JONNES, CHARLES MARLON, MARCIO JUNQUEIRA, MARIANA PAIVA, OSVAN COSTA, SAULO DOURADO, JUSSARA SANTOS, LAURA CASTRO, DÊNIS RUBRA, KELSON OLIVEIRA, VIVIEN KOGUT, THIAGO LOBÃO, GUAIAMUM, ALEXANDRE BRUNO TINELLI, KARINA GERCKE

BOLHETIM

POESIA AGORA E SEMPRE

Após três meses de estadia em Salvador, Bahia, voltamos banhados de sal e axé. A exposição Poesia Agora (na Caixa Cultural de Salvador, Bahia, do dia 14/03/2017 ao 28/05/2015), uma criação do jornal Plástico Bolha, mais uma vez promoveu o encontro de diversos talentos da nossa poesia contemporânea. As páginas desta edição apresentam parte do conteúdo exposto, além de alguns registros fotográficos do evento. E isso tudo fazemos já embarcando para realizar a versão carioca da Poesia Agora (na Caixa Cultural do Rio de Janeiro, Centro, do dia 11/06/2017 ao 06/08/2017).

Se a exposição se propõe a ser espaço de apresentação e concentração de dicções poéticas, de poetas debutantes e consagrados de todos os estados do Brasil (além de alguns poetas estrangeiros), paralelamente seguimos tecendo nossa teia de distribuição de literatura no jornal físico e nas mídias sociais. Descobrimos e publicamos novos poetas e trabalhamos na formação de um público leitor. Entre eventos e publicações, poesia para nós é um fluxo contínuo em constante retroalimentação.

Esta edição também marca o início da campanha de financiamento coletivo do jornal. Agora a partir de R\$ 3,00 por mês você pode contribuir para a manutenção deste projeto. Somente com a sua ajuda será possível aprofundar este trabalho e trazer muitas novas edições como esta que está em suas mãos. Conheça e participe!

Enfim, nesta edição #38, feita com carinho para o público carioca, saudamos as energias baianas e tudo o que é imensurável na terra da África brasileira, epicentro de intermináveis terremotos culturais. Uma singela homenagem a quem tão bem nos recebeu.

Saravá!

Apoia.se Plástico Bolha — seja um colaborador

Contamos com a colaboração de você que nos acompanha: entre no link <https://apoia.se/plasticobolha>, conheça nossa campanha de financiamento coletivo e participe. Além das várias recompensas diretas do jornal, você estará contribuindo para a continuidade de um trabalho de valorização e disseminação da poesia contemporânea.

DIREÇÃO Lucas Viriato

EDIÇÃO João Moura Fernandes

CONSELHO EDITORIAL Yasmin Barros | Yassu Noguichi | Marilena Moraes

DIAGRAMAÇÃO Mariana Castro Dias

REVISÃO Marilena Moraes | Yasmin Barros

FOTOS DA EDIÇÃO Ulisses Dumas

WEBDESIGN Henrique Silveira

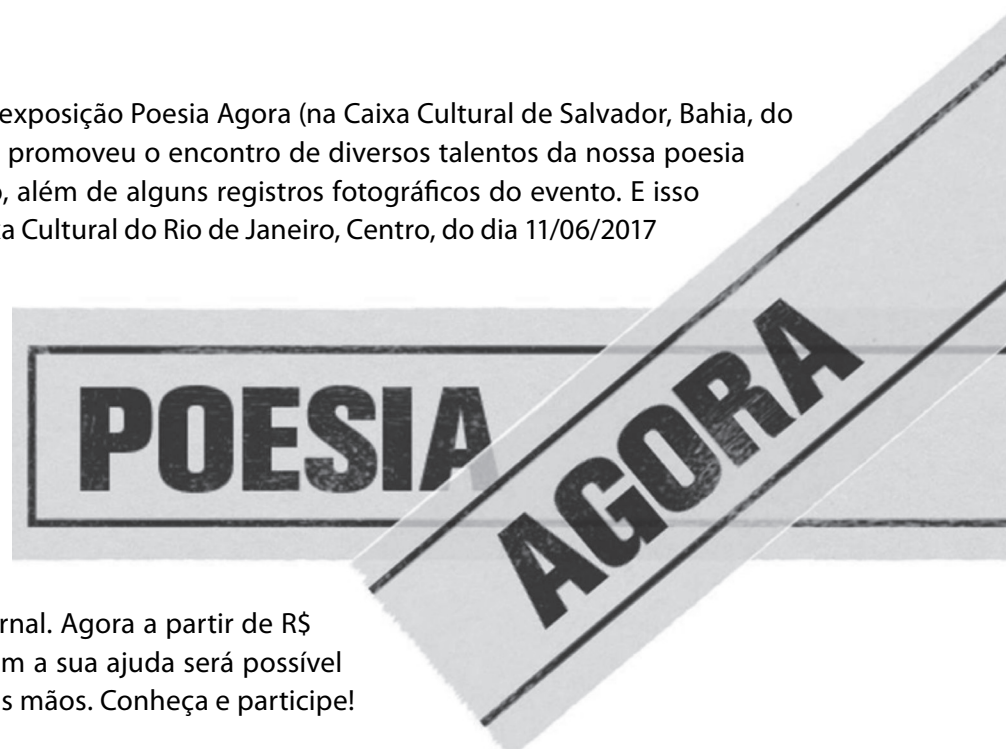
Agradecimentos a André Cortez, Carmem Guerra, Regina Cassimiro, Ricardo Cavalcanti, ViaPress, Museu da Língua Portuguesa, equipe e poetas da exposição Poesia Agora

EDIÇÃO de junho de 2017 | dedicada a memória de Jorge Leão Teixeira

DISTRIBUIÇÃO Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Bahia, Piauí, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul

TIRAGEM 13.000 | IMPRESSO na ZM Notícias | ISSN 2318-972X

Envie seus textos através do nosso site www.jornalplasticobolha.com.br ocupar
ANUNCIE NO PLÁSTICO BOLHA e
contato@jornalplasticobolha.com.br resistir



Poesia dos pés à cabeça



Encontre este e vários outros produtos para vestir
do Plástico Bolha no site www.piratasart.com

balada de un hombre en el mostrador

aqueilas tuas queixas sobre o atraso dos cometas, Javier
o incômodo palerma às quinze pra meia-noite quando a coisa
de novo se anuncia, os esforços pra manter-se enxuto às seis
em que o sol sai-se gatuno todos os dias e todos os dias
de uma cor que nunca te parece
os avanços inexplicáveis das formigas no açúcar do teu café
tudo isso, camarada
tudo aquilo
acabou
agora quando dispararam as armas, os corações dos trópicos se
imediatamente tornam imunes à morte pelo fogo
os corações dos trópicos tornam-se
aí
o próprio fogo

Luana Carvalho

balada de un hombre en el mostrador

aqueilas tuas queixas sobre o atraso dos cometas, Javier
o incômodo palerma às quinze pra meia-noite quando a coisa
de novo se anuncia, os esforços pra manter-se enxuto às seis
em que o sol sai-se gatuno todos os dias e todos os dias
de uma cor que nunca te parece
os avanços inexplicáveis das formigas no açúcar do teu café
tudo isso, camarada
tudo aquilo
acabou
agora quando dispararam as armas, os corações dos trópicos se
imediatamente tornam imunes à morte pelo fogo
os corações dos trópicos tornam-se
aí
o próprio fogo

Luana Carvalho

balada de un hombre en el mostrador

aqueilas tuas queixas sobre o atraso dos cometas, Javier
o incômodo palerma às quinze pra meia-noite quando a coisa
de novo se anuncia, os esforços pra manter-se enxuto às seis
em que o sol sai-se gatuno todos os dias e todos os dias
de uma cor que nunca te parece
os avanços inexplicáveis das formigas no açúcar do teu café
tudo isso, camarada
tudo aquilo
acabou
agora quando dispararam as armas, os corações dos trópicos se
imediatamente tornam imunes à morte pelo fogo
os corações dos trópicos tornam-se
aí
o próprio fogo

Luana Carvalho

A cidade é um corpo

Em um rosto
Uma via respiratória;
Um canal auditivo;
Uma entrada de estórias;
Uma ponte entre
Os órgãos competentes
E a saída para a rua.
Teu rosto é uma cidade;
Ele envelhece como um tenente da polícia
Que te encarcera entre os dentes;
Deixo te falar, a cidade é um corpo
Com círculos-capilares

Fernando Andrade

A cidade é um corpo

Em um rosto
Uma via respiratória;
Um canal auditivo;
Uma entrada de estórias;
Uma ponte entre
Os órgãos competentes
E a saída para a rua.
Teu rosto é uma cidade;
Ele envelhece como um tenente da polícia
Que te encarcera entre os dentes;
Deixo te falar, a cidade é um corpo
Com círculos-capilares

Fernando Andrade

A cidade é um corpo

Em um rosto
Uma via respiratória;
Um canal auditivo;
Uma entrada de estórias;
Uma ponte entre
Os órgãos competentes
E a saída para a rua.
Teu rosto é uma cidade;
Ele envelhece como um tenente da polícia
Que te encarcera entre os dentes;
Deixo te falar, a cidade é um corpo
Com círculos-capilares

Fernando Andrade

Lapa careta
O Estado tenta
Cobre a cal
Passa tinta

O Estado tenta
Manda o choque
Ordena e pinta

Mas a mancha insiste
Matizes que a rua tinge

O tempo picha
Arte cinza
No arco limpo
— Que dizem suja

Lapa Careta
Branco no preto
O Estado tenta

O Estado tenta
Mas esta sujeira me representa

Alice Souto

Lapa careta
O Estado tenta
Cobre a cal
Passa tinta

O Estado tenta
Manda o choque
Ordena e pinta

Mas a mancha insiste
Matizes que a rua tinge

O tempo picha
Arte cinza
No arco limpo
— Que dizem suja

Lapa Careta
Branco no preto
O Estado tenta

O Estado tenta
Mas esta sujeira me representa

Alice Souto

Lapa careta
O Estado tenta
Cobre a cal
Passa tinta

O Estado tenta
Manda o choque
Ordena e pinta

Mas a mancha insiste
Matizes que a rua tinge

O tempo picha
Arte cinza
No arco limpo
— Que dizem suja

Lapa Careta
Branco no preto
O Estado tenta

O Estado tenta
Mas esta sujeira me representa

Alice Souto

Lapa careta
O Estado tenta
Cobre a cal
Passa tinta

O Estado tenta
Manda o choque
Ordena e pinta

Mas a mancha insiste
Matizes que a rua tinge

O tempo picha
Arte cinza
No arco limpo
— Que dizem suja

Lapa Careta
Branco no preto
O Estado tenta

O Estado tenta
Mas esta sujeira me representa

Alice Souto

Lapa careta
O Estado tenta
Cobre a cal
Passa tinta

O Estado tenta
Manda o choque
Ordena e pinta

Mas a mancha insiste
Matizes que a rua tinge

O tempo picha
Arte cinza
No arco limpo
— Que dizem suja

Lapa Careta
Branco no preto
O Estado tenta

O Estado tenta
Mas esta sujeira me representa

Alice Souto

Lapa careta
O Estado tenta
Cobre a cal
Passa tinta

O Estado tenta
Manda o choque
Ordena e pinta

Mas a mancha insiste
Matizes que a rua tinge

O tempo picha
Arte cinza
No arco limpo
— Que dizem suja

Lapa Careta
Branco no preto
O Estado tenta

O Estado tenta
Mas esta sujeira me representa

Alice Souto

Lapa careta
O Estado tenta
Cobre a cal
Passa tinta

O Estado tenta
Manda o choque
Ordena e pinta

Mas a mancha insiste
Matizes que a rua tinge

O tempo picha
Arte cinza
No arco limpo
— Que dizem suja

Lapa Careta
Branco no preto
O Estado tenta

O Estado tenta
Mas esta sujeira me representa

Alice Souto

Lapa careta
O Estado tenta
Cobre a cal
Passa tinta

O Estado tenta
Manda o choque
Ordena e pinta

Mas a mancha insiste
Matizes que a rua tinge

O tempo picha
Arte cinza
No arco limpo
— Que dizem suja

Lapa Careta
Branco no preto
O Estado tenta

O Estado tenta
Mas esta sujeira me representa

Alice Souto



Tributo à estrada de ferro Madeira Mamoré

O medo escorre no labirinto da selva
Angústia de sonhos ansiados
Tentativas pelo Mal atrapalhadas
Humildade em tudo humilhada
Veio o mundo aos teus pés socorrer-te
Cantam-te e arrependidos constroem sobre ti os curativos
Fica na História a tua glória
E em teu túmulo lamentam os sacrificados
Símbolo de união entre corações que só quiseram usupar-te
Sob o tempo resiste tua sina
De viver quando muito restaurada
Pelos outros cada vez mais esquecida
— E enquanto isso lamentam os apaixonados
De serem cúmplices do teu eterno sofrimento

Léo Vincey



fissura no cóccix da poesia

(a partir de um verso de “esposar a noção”, de Mallarmé)

como te dizer?
assim nu e cru
algo se partiu
entre nós,
(no nó da coluna?
no cuco? no bico
pássaro?)
onde o corpo
se sustenta,
o peso da vida
senta...
como te dizer,
assim
sem apontar o lugar?
sem ser vulgar...
lá, onde a porca torce o rabo,
a raiva grita agudo
onde o mundo se perde
em defender-se guardar-se
virgem só para um,
não mais teu poema,
nunca mais.

Ana Chiara

Da minha banda

da banda de Seo Tranca Rua
de Seo Sete Encruza
de Seo Calinô
cheguei da banda de lá
molhada de chuva
e trazendo uma flor
vim mordendo um sorriso
sabendo que o mundo
é feito de dor

Roberta Attili

As revoluções

depois da Laura

Você pode estar agora
pensando na língua que eles falam chegando
à conclusão que eles falam a mesma língua que você fala
você pode pensar que sua mão de repente não serve para pegar
agarrar uma coisa pequena quem sabe
a fuligem a palavra lamaçal
meter na bolsa uma palavra dessas qualquer
você pode imaginar a língua que eles falam lambendo
a minha pele por seis meses e meio, a língua que eles falam
ovulando a nossa dislexia, a sintaxe quebrada e os sinais opostos
então a minha pele vermelha e negra árida como a sua pele
tremendo ao contato da língua deles
você pode estar agora pensando na sua pele
em todas as fronteiras que atravessaram a sua pele toda negra
o gosto ocre da língua estrangeira no primeiro encontro
ou me imaginar de repente chegando por uma rua à esquerda
trabalhando o acaso das pequenas superstições,
os detalhes azuis dos meus óculos redondos
os detalhes azuis das pedras portuguesas
os processos de escrita de certos nomes
nos mantendo ocupados por dias inteiros
como se encontrássemos um revólver na gaveta antiga
e discutíssemos Deus com o revólver na cabeça

Otávio Campos

NIX

Submundo das trevas
Fantasia, ilusão

Nuvens pálidas a envolvem na escuridão
Nua com longas asas de morcego,
Fanal na mão

Destino, sonho, e desespero
Símbolo de beleza e maldição.

Mãe dos deuses, Filha do Caos
Dos mistérios profundos
Rainha das trevas
Profeta da vida
Profeta da morte,
Respeitada e temida.

Arrastada, por cavalos negros,
Segurando a papoula
Na orelha minguante ou
Tatuagem na testa

Leva o céu, leva o véu – a noite
Toda vez que a vejo,
Olho seu reflexo no espelho.

Monique Nix

refúgio

os deuses protegem meu corpo
como o tapume circunscreve a catedral gótica

múmias apoteóticas
via régia de papiros a.C.
refúgio do bardo pagão

na abóbada
longe das trincheiras da revolução francesa
homens verdes urinam

de mármore, rezas, artilharia e gana
faz-se o caos

os deuses protegem meu corpo
irrevogavelmente politeísta
como os índios costumam
palmeiras nas ocas

espectros melífluos batizados no círculo mágico
desmistificação de aporias
jesuítas poluíram rios amazônicos com água benta
botos-cor-de-rosa engravidaram índias com sêmen europeu

os deuses protegem meu corpo
com o apetite irascível
dos elefantes africanos que
acossam as fêmeas

avançam com peso e presas
estraçalham carros e pessoas
trombas bramindo:
“afastem-se do que é meu”.

Priscila Merizzio

Desatino

Sinto o bom dia leve da Brisa
Que diz que de mim faz cobiça
Me tomas de leve atino
Penso em você. Desatino.

Deságua no mar das tuas curvas
Da mesma primeira e última
Me aqueço com o calor dos teus poros
E inevitavelmente não para de olhar-te nos olhos.

Os olhos que já me prenderam
E as lágrimas que deles desceram
Disseram que de alegria saltaram
E pro doce amor me levaram

Atiro-me sem medo, como quem se joga no mar
Atiro-me em ti, como quem não quer mais voltar
Atiro-me sem paraquedas
Atiro-me para quedas.

Jamile Cazumbá



Raça extinta

Onde está o meu povo?
Eu não os vejo.

Nos programas de televisão.
Nas profissões liberais.
E nos comerciais.

Estão invisíveis?
Eu não os vejo.

Calaram sua voz?
Eu não os escuto.

Onde está o meu povo?
Será que estão nas favelas?
Onde, ainda nas senzalas?

Onde está o meu povo?
Eu não os vejo.

Rosângela Muniz

Abstrato

eu nunca beijei um poema.

no entanto ele está aqui
roçando leve minha
boca

nas horas dos
mais
doídos
silêncios

Mariana Botelho

Etl3

.....deixa que a tarde
seja amarela e as janelas
tenham vista para a madrugada.

assim poderás, sempre,
abrir as mãos
e receber os pássaros.

eu estarei mais longe
perto da aspereza do silêncio
na lentidão do peixe
na pedra depois do voo

entre duas borboletas
e esse amarelo
nocturno, vago

que às vezes sopra
para ressuscitar andorinhas.

Ondjaki



Férias passadas

não te vejo por aqui faz
algum tempo. como você
vai? espero que bem. talvez
não se recorde de nós. falo
daquela vez em que estivemos
juntos. lembra quando pisávamos
as poças frias, naqueles dias
que pareciam não acabar
[tão logo quanto um picolé
mordido por uma criança
melando cada um dos dedos?]
não? eu te entendo. tá tranquilo.
da vida leva o quanto pesa.
bagagens correm com o rio.

André Capilé

Organo
Gramma
— livros —

PUBLIQUE SEU LIVRO

POESIA NOVELA CONTO HQ ARTE ENSAIO
ROMANCE BIOGRAFIA ZINE DISSERTAÇÃO

Publique com a OrganoGramma Livros! Saiba mais em: www.organogrammalivros.com.br | facebook.com/OrganoGrammaLivros

Pela elipse confundir caça e fuga

Objeto aberto estabelece
a perda onde
antes o
núcleo e ela
olha-se no
espelho e diz “Vossa
Iminência”. A mão
dirige-se ao
telefone para fazer
uma chamada mas
um segundo
antes ele toca,
como se
perder a consciência
fosse apenas
o primeiro após 97
dias de
inverno em que
os cafés põem
de novo
nas calçadas as mesas.
Que delícia usa
o prazer como
desperdício?
Dizer estômago e
pensar de imediato:
“quão vermelho?”
ou o terror do
trem entre
estações e a dança
que estaciona
em meio
ao dançarino,
não, dançarino
que estaciona
em meio à
dança.

Ricardo Domeneck



The lovers

aprender uma língua ela
dizia lendo W Blake
na varanda é
um ato solitário

in the forests of the night
cheguei a vestir
um terno cinza e no altar
declamei W Blake

e bem imaginei um Mundo
em um pequeno grão um Céu
em uma flor selvagem pegar
o Infinito com as mãos prender
no Agora a Eternidade

mas invisível um véu
sobre seu rosto impedia
o enlaço amoroso como

numa tela de magritte

meu amor todo caminho
é ela dizia
também um exílio

dor e alegria em um mesmo tecido
(eis o caminho de um verso batido)

uma coisa ela não disse

in the forests of the night
sob toda dor
e todo pinheiro

brilham os olhos de um tigre

Alexandre Bruno Tinelli

A luta

há os que escolhem fugir.

quanto a mim,
tenho o peito à mostra
em pleno calor da luta.

perguntas, sem dizer: és capaz de
sustentar à mão o caule delgado do tempo?
eu, que nada sei de respostas ao invisível
estremeço apenas, franco, e tanto quero.

o calor do verão exalta os autos.

relincham e guincham
as ruelas exterminadas e
inóspitas ao meio-dia.

há os que se refugiam à sombra.

quanto a mim,
revolvo a terra em pleno sol,
com meus cascos de touro.

o ouro dos tolos é a cega esperança.

a que tenho
enxerga no escuro, e
chega perto do precipício.

prefiro o ofício do voo, e o ninho
lunar dos teus cabelos de ouro
ao choro sem peixes do decoro, à
pedra sem sonhos da incerteza.

Renato Torres

Arboreus

sob a eternidade de uma sombra sem asas circula o pássaro dos candelabros de seus beijos infames e a cada pausa redobrada dessa claridade cinzenta se descortinam os tentáculos daquela planície esganiçada como se todos os espelhos suplicassem com a navalha de suas penugens brumosas assim quando os olhos começam a regurgitar as tapeçarias da impetuosa caverna enquanto involuntariamente ainda se recolhem as mãos das flores sudoríferas desenfaixando a concha dos rastros vaticinadores por meio da escoriação inumana de seus ouvidos onde em raras ocasiões até as bandeiras imprecatórias pareceriam irromper de dentro do suspiro das constelações em desalinho desfolhando sem nenhum remorso o grumo das sereníssimas conspirações

LOZ



“Não avançamos na linguagem
como num caminho”

Encontras no teu e-mail
palavras que vem —
quicá, por meio de coisa alguma —

dos amigos que conheces
só pelas próprias palavras.
Começas a imaginar

como lerão tua resposta,
que voz fictícia te atribuirão,
qual rosto tirarão de tua sin-

taxe; e sabes, agora, que
isto seja talvez, ainda,
o que há de mais real

em nós.

Charles Marlon

Réveillon

Falando sério, acho certa falta de sensibilidade
naqueles cartões de fim de ano
que desejam tudo de novo para o ano seguinte
quando mal sabemos o que fazer do velho
Fico na dúvida se tomo raiva
ou se acho bonito
Enquanto não decido, guardo dentro da agenda
com suas páginas datadas
e confesso que até me diverte um pouco
o desejo misturado com o que aconteceu
o futuro vivendo dentro do passado

Mariana Paiva

paisagem

manhã torpe tropeça na foice do sol
operários esmerilam lama da estrada
céus gravados no âmago das poças
rezas duma língua animalesca
patas desmaiadas no escuro sonoro
rastros escarlates na trilha absurda
dorsos curvos reviram restos viáticos

Flavio Castro

Para Carolina Fonseca

Volto à janela. Morava no bloco.
O fim se aproxima, vejo. Um novo começo se faz.
Os lados se aproximam, como se fossem dar um laço.

Volto ao passado.
Não salvo nada.
Confio na máquina.

Escrevi um livro, vejo. Escrevi foi vida.
Muita coisa coube no cabide.
Me despi inteira e ainda não caibo toda.

Daqui o bloco é líquido
O blogue escorre e evapora feito rio.

O blogue impõe outra ordem,
A nova ordem.

Ah
Eu quero é botar meu bloco na rua.

Laura Castro

esgotos todos abertos
e a cidade inteira fede
nas artérias
agora expostas
(agora em postas)
circula:
maço amassado de cigarro
camisinha esportiva
lata vazia de molho

no osso dos dias
os agudos dentes
procuram a lasca de carne-alegria

Marcio Junqueira

Bembé da liberdade

Os pretos todos novos
Jogados à terra em flor
Foram aterrados aos poucos
Não como gente de valor

As ruínas do cais do Porto
O Valongo que se mostrou
Vem revelar um passado
Que nos é constrangedor

São camadas e camadas
De terra, tempo, rancor
Tentativas e descasos
Pra se esconder o horror

Congo, Angola e Benguela
Pedra do Sal testemunhou
A diáspora africana
Roma Negra Salvador

Ben Ben Bembé
Ben Ben Bembé
Dá licença que me vou
Ben Ben Bembé
Ben Ben Bembé
Vou tocar meu Agogô

Ben Ben Bembé
Ben Ben Bembé

Dá licença que me vou
Ben Ben Bembé
Ben Ben Bembé
Vou pro Bembé bater tambor

A história permanece
Não prescreve uma dor
Deixa rastro sobre o lastro
Do chão em que se pisou

Hoje eu canto a minha graça
O meu credo, o meu valor
Não vou deixar barato
Qualquer preconceito de cor

Reafirmo a minha presença
Com toda glória e vigor
Grito forte, canto alto
Foi o Bembé que me ensinou

Osvan Costa

Tatuagem

Quando me mostrou a tua tatuagem
Perguntei como tinha coragem
Marcar assim na pele por toda a vida
Uma coisa que mais parece uma ferida

Tu, num rompante de mau humor
Ergueu o dedo em riste e retrucou:
“Antes a ferida eterna no tornozelo direito
Do que, como tu, no interior do peito”

Saulo Dourado

Ao pé do ouvido

se pudesse silenciar-me
frente a acontecimentos
silenciaria
mas todos os dias melancolicamente aconteço.
se pudesse dizer diariamente
não a sentimentos
diria
mas todos os dias absurdamente amanhã.
digo não à cidade, deixo-a em paz
mas todos os dias revelo-me equívoco
diante de seus ecos.
“... não tires poesia das coisas
elide sujeito e objeto...”
grita Drummond,
mas todos os dias dramatizo,
invoco,
indago,
aborreço,
e minto,
minto muito
ouvinte no reino silencioso da palavra
que não me quer Surda.

Jussara Santos



fazer um poema
não é como pintar um quadro.

é desfazer a tela,
é trocar as cores;
refazer as formas
que o pintor pensou.

fazer um poema
resignifica o mundo,
transignifica tudo

mas não muda nada.
tudo continua
como tudo sempre foi:
como no fim da canção.

como depois de comer,
a fome vem de novo.
como depois da eleição
o mesmo povo!

sem esperanças
nem grandes realizações.
sem hipersignificações, apenas
fazer um poema é
fazer um poema.

Dênis Rubra

Incongruências sensitivas

Aqui dentro não passa setembro
apesar de lá fora
dezembro já ter se esquecido de novembro.
Tenho essas sutilezas incongruentes nas sensações.
Procurei num livro de personalidade:
não me encontrei, elevado ao quadrado.
Sou mais explicado pela lentidão de um felino
que pela psicanálise de Sigmund Freud.

Kelson Oliveira

Lá e aqui

Lá o tempo e a fúria rasgam
o pano escuro —
no fim do estouro
no chão, para ninguém
as alças, sapatos, maçaneta, um pente
reboco e correia, cabeça de boneca.
No meio dessa noite
muito além do oceano
lençóis de leite, mornos
nos meus braços
boca mínima e olhos
tua voz ecoa entre as paredes —
nosso refúgio de concha —
e vai pelo espaço,
água primeira refazendo as margens.

Vivien Kogut

O amigo mais proibido

o amigo mais proibido
da rua da minha avó
era Fernandinho filho de macumbeiro
e a brincadeira mais proibida da rua de minha avó
era lavar pneu no quintal da casa da minha avó com
Fernandinho filho de macumbeiro preto perna
De Omolu entre-dedo de Omolu frieira

e jogar mortal-kombat com Fernandinho filho de macumbeiro
também não era bom mas deus viu
foi só o tempo de ensinar outro fatality
botou a combinação depois deu o controle
aquele sorriso de Omolu neguinho

o amigo mais proibido de uma pessoa querer
e o amigo menos proibido
de uma pessoa bater um murro na cara até ele chorar

Fernandinho de Omolu filho de macumbeiro Okê
que teve uma festa mais proibida na rua de minha avó

de onze anos de aniversário de filho de
macumbeiro proibido de lavar pneu
que morava na casa mais proibida de
a pessoa ver da grade procurando
o bolo de uva e glacê
que a mãe macumbeira fez
pra Fernandinho não passar
em branco.

Allan Jonnes

Oxumaré

Senhor que une a terra
Suas cores incendeiam os céus
Céus e terra
Terra e céus
Serpentes que giram
Entrelaçam mundo
Fio de contas amarelo e preto
Todas as cores Suas são
Ri dos gêneros humanos
Feminino e masculino
Para Ele não há
Apenas existir
Infinitamente
Cobrarcoíris
Apenas É
Arroboboi Oxumaré!
No fim do arco-íris
Tem riqueza
Quem vai buscar?
Que é digno de ir lá?
E se tudo mudar
E se tudo muda
Deixe a roda girar
A vida é pra dançar

Guaiamum

A hora

sem projetos objetos e mãos
os fazeres e os balões
o revés e a dor
trovadores de nada

a tristeza se acumula numa estrela
também mar sorridente
pulsa

um soneto que não presta
como amor
invenção da brincadeira
a beira e a bobagem

coragem
aqueles que agem
ao calarem mudez sólida

Thiago Lobão

ETTORE
CUCINA ITALIANA

PÃES ANTEPASTOS MASSAS MOLHOS
PIZZAS SALGADOS DOCES TORTAS

www.ettore.com.br | [@EttoreCucinaIT](https://www.facebook.com/ettorecucinaitaliana) | [facebook.com/ettorecucinaitaliana](https://www.facebook.com/ettorecucinaitaliana)

Av. Armando Lombardi, 800 - Lojas C/D/E Condado de Cascais, Barra da Tijuca - RJ Tel.: 2493-5611 / 2493-8939
Av. Vice Presidente José Alencar, 1350 - Loja F - Cidade Jardim - Tel.: 2512-2226 / 2540-0036

Prece de areia

Ogum Beira-Mar
corre maré solta
traz faísca no olhar
quebra a louça

Ogum Beira-Mar
vem navegar
no fio da navalha
nos olhos de Mãe Iemanjá

Ogum Beira-Mar
vou contigo, não arrisco

caio no mar
vou navegar

Sétima onda
rajada de vento
lansã no terreiro
na água e no mar

Dá passagem
Ogum Beira-Mar

Armadura prateada
búzio em flor
água salgada
na ronda da Calunga Grande
Seu Beira-Mar faz morada

Senhor dos encantos
marola e arrebentação
onda quebra na praia
e vence batalha

Como bravos navegantes
de destino incerto
pedimos sua proteção
nos caminhos dos mistérios

Ogum Beira-Mar
vou contigo, não arrisco

caio no mar
vou navegar

Karina Gercke

